



## 2ª SEQUÊNCIA DIDÁTICA

### Nacionalismos africanos

Nesta sequência didática, propõe-se fazer um aprofundamento sobre os nacionalismos que culminaram nos processos de independência na África na segunda metade do século XX, buscando uma melhor compreensão todo, assim como das especificidades de cada caso.

#### A BNCC na sala de aula

Objeto de conhecimento	Os processos de descolonização na África e na Ásia.
Habilidade	(EF09HI31) Descrever e avaliar os processos de descolonização na África e na Ásia.
Objetivos de aprendizagem	Retomar o neocolonialismo da África e da Ásia iniciado no século XIX. Conhecer os movimentos de resistência, sobretudo africanos, à dominação colonial europeia. Relacionar os nacionalismos africanos aos movimentos de independência desse continente. Refletir sobre a importância de movimentos como o pan-africanismo para os processos de independência na África após a Segunda Guerra Mundial. Reconhecer a dinâmica entre os movimentos gerais e as particularidades dos processos de independência dos países africanos no pós-guerra.
Conteúdos	Aspectos gerais do neocolonialismo. Movimentos de resistência africanos ao neocolonialismo. Nacionalismos africanos e pan-africanismo. Independência dos povos africanos após a Segunda Guerra Mundial.

#### Materiais e recursos

- Aulas expositivas.
- Computadores com acesso à internet.
- Livros para pesquisa.
- Projetor.

#### Desenvolvimento

- Quantidade de aulas: 6.

## Aula 1

Para iniciar esta aula sugere-se fazer uma revisão dos conteúdos referentes ao neocolonialismo no século XIX, quando os europeus se apossaram de grande parte da África e de regiões da Ásia, submetendo as populações locais com o objetivo de extrair riquezas e garantir mercados consumidores para seus produtos industrializados. A forte rivalidade entre os países europeus para dominar territórios cada vez mais amplos e lucrativos foi um dos principais motivos para a eclosão da Primeira Guerra Mundial. É importante que os alunos recordem que, após esse conflito, foram estabelecidos novos limites para essas possessões, as quais continuaram aumentando nos momentos posteriores.

Da mesma forma, é fundamental que os alunos lembrem que essa dominação foi estabelecida por meio de forte violência, atingindo, por vezes, níveis de irracionalidade, que levavam ao confisco de terras, ao trabalho forçado, à cobrança abusiva de impostos e ao racismo. É importante frisar que tanto na África quanto na Ásia, as populações locais impuseram várias formas de resistência desde o início do processo de colonização. Porém, foi a partir da segunda metade da década de 1930 e, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, que esses movimentos ganharam maior fôlego, culminando nas independências de diversos países africanos e asiáticos.

Em seguida, sugere-se introduzir a discussão sobre o nacionalismo africano e o pan-africanismo. Pode-se iniciar pontuando para os alunos as diferenças entre os nacionalismos europeus do final do século XIX e começo do XX e os nacionalismos africanos, indicando que no primeiro caso tratou-se de um fenômeno que foi estimulado com vistas a justificar a dominação de outros países, enquanto, no segundo caso, ao contrário, tratava-se de valorizar as nacionalidades africanas contra a dominação estrangeira. Para fundamentar o debate, recomenda-se a leitura coletiva e em voz alta do texto que segue:

### **A luta pela soberania política, de 1945 às independências**

#### **“Procurai primeiramente o reino político...”**

“Procurai primeiramente o reino político e todo o restante vos será dado em suplemento”. Quando pronunciou essas palavras, Kwame Nkrumah estava persuadido de que a independência política era a chave de todas as melhorias projetadas para a condição africana. Essa declaração derivava da ideia de primazia do político nos assuntos humanos – concepção radicalmente diferente daquela própria ao determinismo econômico. Caso fosse um marxista por

completo, Kwame Nkrumah teria proclamado: “Procurai primeiramente o reino econômico e todo o restante vos será dado em suplemento.”

A soberania política (“o reino político”) era realmente uma condição necessária para que a África pudesse realizar ou satisfazer qualquer uma das suas aspirações essenciais. Mas a soberania política por si só não era suficiente. E, simplesmente, não consiste em algo verdadeiro a afirmação “todo o restante vos será dado em suplemento”.

Se, por um lado, Nkrumah avaliara com exatidão, ao afirmar que a África deveria procurar primeiramente o reino político e se, por outro lado, ele se enganou ao perceber nessa busca uma condição suficiente para que “todo o restante” viesse em decorrência, qual seria o julgamento da história sobre o conjunto da sua proposição? Qual seria o saldo da busca do reino político? Quais seriam os prováveis desdobramentos da luta para que “todo o restante” fosse concedido à África? Eis algumas das questões aqui abordadas.

### **O renascimento do nacionalismo**

A luta pelo reino político – ou pela soberania política – na África colonial se desdobrou em quatro etapas, por vezes entrecruzadas nos fatos, mas nitidamente passíveis de análise. Antes da Segunda Guerra Mundial, produziu-se primeiramente uma fase de agitação das elites em favor de uma maior autonomia. A ela seguiu-se um período caracterizado pela participação das massas na luta contra o nazismo e o fascismo. Adveio, em seguida, após a Segunda Guerra Mundial, a luta não violenta das massas por uma total independência. Finalmente, sobreveio o combate armado pelo reino político: a guerrilha contra os governos de minoria branca, sobretudo a partir dos anos 1960.

A participação da África na Segunda Guerra Mundial não foi um processo de colaboração com o imperialismo, mas uma luta contra uma forma de hegemonia ainda mais perigosa. Paradoxalmente, o engajamento da África na guerra representou uma parte integrante da luta do continente contra a exploração estrangeira e da busca pela dignidade humana. A guerra certamente desempenhou um papel ao enfraquecer as potências imperiais. A própria razão de ser da guerra, a luta contra a tirania e a conquista, parecia condenar o colonialismo. Entretanto, a mais potente força de oposição ao colonialismo na África era formada pelos próprios africanos, que começavam a se organizar melhor, a formular mais claramente suas exigências e, em definitivo, a se armar melhor para a luta. No transcorrer desse período, a resistência africana obedece a muitas tradições: a tradição guerreira, a tradição da *djihad*, a tradição da *revolta cristã*, a tradição da *mobilização não violenta* e a tradição da *guerrilha*.

SILVÉRIO, Valter Roberto (Ed.); ROCHA, Maria Corina; BARBOSA, Muryatan Santana. **Síntese da coleção História Geral da África: século XVI ao século XX**. Brasília: Unesco; MEC; UFSCar, 2013. p. 472-474.

## Aula 2

Para iniciar a segunda aula, recomenda-se apresentar aos alunos os fatores que contribuíram para a independência dos povos africanos, indicando que, além de sua luta e da força de movimentos como o pan-africanismo e a negritude, foi fundamental o enfraquecimento das potências colonialistas europeias devido às perdas sofridas durante a Segunda Guerra. Os países colonialistas europeus concentraram os esforços na sua reconstrução, facilitando a ação dos movimentos de resistência. Em seguida, sugere-se iniciar um debate sobre as formas de resistências elaboradas pelos povos africanos a partir da leitura do texto a seguir:

### **A tradição guerreira de resistência**

Esta tradição está ligada ao conceito da “resistência primária”, colocado em evidência pela escola de história africana de Dar es-Salaam. Esta escola emprega o termo “primária” em seu sentido *cronológico*, para designar a resistência que se manifesta no

momento da invasão e da conquista europeias. O termo “primária” aplicado à resistência tem também o sentido daquilo que se enraíza na tradição guerreira autóctone, e seu significado nesse caso é mais *cultural* e menos cronológico. Os combatentes lutavam apoiados sobre um conjunto de valores e de crenças religiosas.

[...] O elo entre o guerreiro e o profeta persistiu durante a luta pela emancipação da África Austral, no decorrer da qual os valores guerreiros ancestrais encontraram, em um contexto de combate moderno, novas formas de expressão. [...]

### **A tradição da *djihad* na resistência africana**

São exemplos da tradição da *djihad* (que significa “luta na via de Deus”) as iniciativas e resistências contra a invasão imperial ocorridas no sultanato de Sokoto na Nigéria, o movimento Mahdiyya no Sudão oriental, os levantes contra as brutais repressões francesas aos muçulmanos na Argélia e a revolução egípcia de 1952, liderada por Gamal ‘Abd al-Nasser.

### **A tradição do “radicalismo cristão”**

O Islã não foi a única religião a se rebelar contra a ordem colonial. Observou-se também o nascimento de uma revolta contra o imperialismo ocidental nos meios cristãos, o que pode parecer paradoxal, pois, salvo na África do Norte e no Vale do Nilo, o cristianismo se posicionara no continente em favor das conquistas europeias. No século XIX, muitas vezes, foram as comunidades de missionários europeus que convenceram os seus governos a colonizar a África, especialmente a África Oriental, invocando como argumento a necessidade moral de pôr fim ao comércio árabe de escravos e de divulgar o Evangelho. Em alguns casos, o zelo e o entusiasmo dos missionários suprimiram as reticências governamentais.

[...] O movimento das Igrejas separatistas e milenaristas constitui um dos aspectos da luta da África colonizada para encontrar a sua identidade e defender a sua dignidade cultural. Alguns movimentos eram mais moderados que outros, mas todos se inscrevem no contexto da revolta da África contra o racismo e a dominação estrangeira, tanto nos assuntos religiosos quanto nos laicos.

### **A estratégia da mobilização política não violenta**

Foi entre 1906 e 1908 que Mahatma Mohandas Gandhi conduziu a primeira campanha de desobediência civil lançada na África do Sul; ela dirigia-se em sentido contrário às medidas discriminatórias do Transvaal contra os indianos. Esse movimento está na origem de uma tradição específica de resistência que se estendeu muito além da África do Sul. Nos anos 1950, o *African National Congress* e o *South African Indian Congress* esforçaram-se para coordenar a luta dos africanos, dos indianos e dos mestiços em uma campanha de massas contra a legislação relativa ao passe-livre, o *Group Areas Act*, ato jurisprudente organizador da segregação, e o *Bantu Authorities Act*, medida promotora da “retribalização” dos africanos. Essa campanha foi um sucesso como expressão da solidariedade entre vítimas da opressão, mas um fracasso no tocante aos objetivos que lhe impunha a luta contra os opressores.

### **A estratégia da luta armada de libertação**

[...] As lutas armadas mais modernas – nas colônias portuguesas, na África Austral e na Argélia – foram conflitos fortemente internacionalizados. Numerosos países intrometeram-se nesses confrontos de diferentes maneiras, desde suporte financeiro ao fornecimento de armas, incluindo até uma efetiva participação com o envio de tropas.

SILVÉRIO, Valter Roberto (Ed.); ROCHA, Maria Corina; BARBOSA, Muryatan Santana. **Síntese da coleção História Geral da África: século XVI ao século XX**. Brasília: Unesco; MEC; UFSCar, 2013. p. 474-476.

Após apresentar aos alunos as principais formas de resistência, sugere-se pontuar que, de alguma forma, essa diferença reflete a própria diversidade das sociedades e das situações coloniais dos povos africanos. No entanto, é fundamental que eles tenham em mente, para o desenvolvimento do aprendizado sobre o tema, que esses movimentos ocorreram, apesar das dinâmicas particulares, a partir de um impulso mais geral, comum a todos eles.

### Aulas 3 e 4

O produto final dessa sequência didática deverá ser a apresentação de seminários sobre alguns processos de independência de países africanos no pós-Segunda Guerra Mundial. Assim, sugere-se organizar a turma em cinco grupos, os quais deverão ficar responsáveis por um país/região específicos. Para orientar a organização dos grupos, recomenda-se pedir a eles que explorem o capítulo 8 do livro **Síntese da coleção História Geral da África: século XVI ao século XX** (ver seção **Ampliação**), para que escolham seus temas. É importante acompanhar esse processo garantindo que os grupos se ocupem de países/regiões diferentes.

Essas aulas deverão ser dedicadas à organização dos grupos e temas, bem como às pesquisas e elaboração dos seminários, que deverão ser compostos por:

- contextualização da condição colonial desses países/regiões;
- histórico dos movimentos de resistência (incluindo o pan-africanismo);
- histórico do processo de independência.

A forma das apresentações deverá ficar a critério dos grupos, sendo possível a utilização de recursos digitais, caso estejam disponíveis, ou recursos físicos, como cartolinas e painéis.

### Aulas 5 e 6

Essas aulas deverão ser dedicadas às apresentações dos seminários. Sugere-se organizá-las em três partes, alocando na **aula 5** a apresentação de três grupos e, na **aula 6**, dos dois grupos restantes, deixando a última parte da aula para uma discussão coletiva sobre os seminários apresentados.

Nessa última parte, além das possíveis dúvidas e questões dos alunos referentes às apresentações dos grupos, recomenda-se retomar a discussão sobre a dinâmica entre o movimento geral e as particularidades de cada processo de independência escolhido, auxiliando os alunos a compreenderem o papel da união desses povos nos processos particulares.

Propor também aos alunos algumas questões relacionadas ao conteúdo do seminário de algum dos grupos, que deverão ser respondidas no caderno.

- Escolha o seminário de um dos grupos e elabore no caderno um pequeno relatório sobre as semelhanças e diferenças entre ele e o seu próprio seminário.

## Avaliação

- Participação em sala de aula (assiduidade e interação).
- Participação na leitura e discussão dos textos.

- Participação durante a pesquisa.
- Elaboração e apresentação dos seminários.

Para auxiliar na avaliação sugerem-se a ficha e as questões a seguir.

<b>Ficha para o professor</b>		
Nome do(a) aluno(a): _____		
1. Participou das discussões e do trabalho em grupo de maneira ativa e com desenvoltura?	( ) Sim.	( ) Não.
2. Participou da pesquisa para a elaboração do seminário?	( ) Sim.	( ) Não.
3. Participou da elaboração e apresentação do seminário?	( ) Sim.	( ) Não.
4. Esteve atento à apresentação dos seminários dos colegas?	( ) Sim.	( ) Não.

**1.** Como se caracterizou a dominação dos povos africanos e asiáticos durante o fenômeno que ficou conhecido como neocolonialismo?

**Resposta:** O neocolonialismo se caracterizou por uma dominação violenta que atingia, por vezes, as margens da irracionalidade, através de confisco de terras, uso de trabalho forçado, cobranças abusivas de impostos e racismo.

**2.** Quais foram os principais fatores que levaram às independências dos povos africanos e asiáticos no pós-Segunda Guerra?

**Resposta:** Os principais fatores foram as lutas dos próprios povos afro-asiáticos, a força de movimentos como o pan-africanismo e a negritude, e o enfraquecimento das potências colonialistas europeias após a Segunda Guerra Mundial.

## Ampliação

MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe (Ed.). **História geral da África, VIII**: África desde 1935. Brasília: Unesco, 2010. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001902/190256POR.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

PANAFRICANISMO: debates clássicos e contemporâneos. Debate com o professor da UFABC, Muryatan Santana Barbosa. Produção: STI FFLCH-USP. 24 maio 2018. Vídeo (2h16min41s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tsWSLuyBYVw>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

SILVÉRIO, Valter Roberto (Ed.); ROCHA, Maria Corina; BARBOSA, Muryatan Santana. **Síntese da coleção História Geral da África**: século XVI ao século XX. Brasília: Unesco; MEC; UFSCar, 2013. Disponível em: <[http://www.unesco.org/new/pt/brasil/ia/about-this-office/single-view/news/sintese\\_da\\_colecao\\_historia\\_geral\\_da\\_africa/](http://www.unesco.org/new/pt/brasil/ia/about-this-office/single-view/news/sintese_da_colecao_historia_geral_da_africa/)>. Acesso em: 17 nov. 2018.